



O «Pimentinha»

TRIBUNA DE COIMBRA

As senhoras são as mães desta grande família

O mês de Maio é, no conjunto dos meses, aquele que melhor transmite a beleza da Criação. A natureza reveste-se de novo e exprime-se de uma forma, diria, quase maternal. A vida explode a jorros e a Terra-Mãe exulta jubilosa com este regresso cíclico de vida e maternidade.

O Homem não fica indiferente a este movimento e neste mês precisamente celebra ele também o Dia da Mãe. É uma homenagem. Os portugueses desenharam ainda um horizonte mais singular ao consagrar à Mãe do Céu — a Mãe por excelência — todo este mês de Maio. De facto, do monte ao vale, um hino de louvor e prece se ergue à Mãe das mães.

Disse assim aos rapazes. Sublinhei-o com apreço. Não é um discurso fácil. Há marcas negativas na vida de muitos. Aqueles primeiros anos de relação fundamental deixaram feridas no coração de muitos, que só o tempo e o reencontro consigo próprios curará.

Nós somos uma família — disse. As senhoras são as mães desta grande família que é a Casa do Gaiato. Muitas delas há tantos anos e, agora vergadas sob o peso do cansaço e, de uma maternidade que não conhece descanso.

Pedi aos rapazes que nunca esqueçam o carinho que elas merecem. Muitos deles hão-de levar para as relações afectivas da vida adulta o carinho e a atenção por elas prestados, em tantos momentos, gratuitamente. Se é certo que cada Casa do Gaiato é uma obra essencialmente de rapazes de modo nenhum se pode dispensar o lugar da Mulher-Mãe. Por isso elas são necessárias. Naturalmente em idade e condições de dar maternidade, isto é: carinho, como amor, limpeza, roupa, vida! Sobretudo aquela presença animadora e confiante. Todos precisam — grandes e pequenos — desse contacto materno, amadurecido e oblativo.

As nossas Casas, em geral, nunca tiveram tantos e tão pequeninos. Sinal de que o mundo da família vive uma crise de valores. Nós queremos ser a família de muitos deles. Alguns — a maior parte — não conhece outra senão a nossa. É com profunda alegria que os fazemos nossos, sabe Deus também, no meio de muitos sacrifícios.

Neste mês de Maio, que por Maria — Mãe das mães — Deus chame ao coração mais alguém. Só Ele pode chamar. Só Ele sabe de verdade quem deve chamar. Aqui, uma seara imensa de corações esperam uma entrega gratificante que preço algum do mundo pode compensar. Que os currículos e outros cálculos não paralitem a força do coração.

Padre João

ÁFRICA

Construção da nossa Aldeia

SÁBADO, 30 de Abril — Quim «Carpinteiro» chegou a Maputo quarta-feira para implantar a casa-mãe e as duas primeiras casas de habitação da nossa Aldeia. Com este equipamento, a comunidade de setenta rapazes poderá mudar da Massaca e deixar àquele povo as instalações que para ele foram concebidas e temos utilizado provisoriamente — um provisório que irá durar ainda mais dois anos, numa boa hipótese.

Com efeito, a casa-mãe, em seus dois corpos distintos consoante a orografia sugeriu, responde às necessidades comunitárias, com a cozinha e seus anexos, refeitório, despensas e câmaras frigoríficas, rouparia e lavandaria, e serviços de saúde. Será ainda a morada das senhoras e dos mais pequeninos, como é tradição na Obra. E disporá de um espaço, que não será o mais urgente nem o mais frequentado, para os serviços adminis-

trativos e acolhimento de quem chegue.

As duas casas de habitação, com as suas trinta camas cada, mais duas no quarto dos chefes, abrigarão a actual comunidade, nem que um pouco mais acrescida na hora da mudança. O projecto prevê cinco ou seis destas casas; mas essa é uma meta que se quer mesmo deslizante para que a comunidade vá crescendo ao ritmo natural da vida sem prejuízo da qualidade dela nem de riscos para a coesão familiar.

Lugar de encontro e de lazer, além dos de cada casa para os que a habitam, sonhamos com a «herança» de um lindo *redondel* coberto de capim, castiçamente africano, na hora em que os nossos Soldados das Comunicações ao serviço da ONU, cumprida a missão, regressem e deixem o belo acampamento que construíram na Machava e tem despertado geral apreço em quem o conhece.

As Escolas ainda não estão projectadas. Limitarão, a nascente, o largo do Cruzeiro — a Praça da Aldeia — e provavelmente, vão desenvolver-se em dois níveis. Depois das

construções que agora se iniciam, será a sua vez. Entretanto irão funcionando, como até agora, no conjunto das instalações agrícolas em termo de recuperação — e bem que funcionam!

Grande prioridade: a estrutura humana da Escola

A Escola foi mesmo a grande prioridade na nossa Casa do Gaiato de Moçambique: não as instalações, mas a sua estrutura humana. Num país onde a Instituição Escolar não funciona, Padre José Maria e Irmã Quitéria não hesitaram em assumir este encargo. Professores e o seu transporte custam por mês milhões de meticais. Mas tem valido a pena, me pareceu. Numa comunidade constituída por rapazes cem por cento da rua, portadores, alguns, de hábitos marginais, e em que os mais antigos terão, quanto muito, dois anos de Casa, temo-los já a frequentar a quinta e sexta classes, depois de terem prestado provas de aptidão na Escola

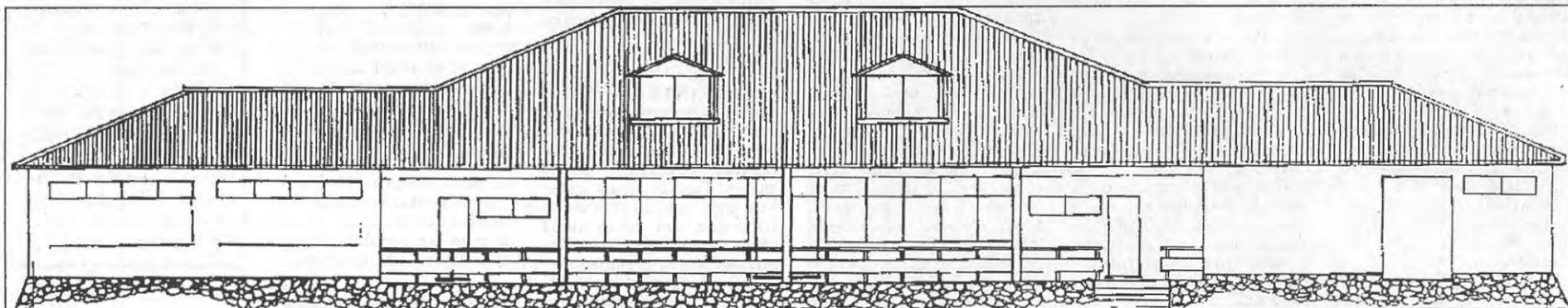
Oficial com um sucesso honroso. Eu mesmo tive oportunidade de experimentar a facilidade com que se encontra quem leia bem, o que — Deus nos acuda! — não acontece por cá.

Todos os dias, às sete horas da manhã, Irmã Quitéria está na Escola com os rapazes e os professores. O programa é estabelecido por ela e previamente concertado com eles. Um programa exigente, no conteúdo e na execução. Há avaliações frequentes do trabalho dos professores e do aproveitamento dos alunos. E o resultado vê-se!

Foi uma das experiências mais felizes que colhi nesta passagem por África, só contrastada pelas desorientações que lavram e definham a Escola em Portugal.

Quem dera Padre Telmo pudesse aproveitar este tempo de *paralisia* em Malanje, investindo em cheio na área escolar! Mas aqui tudo é carência. Nem há Irmã Quitéria nem professores capazes de um ritmo semelhante.

Padre Carlos



Conferência de Paço de Sousa

PENSÕES DE REFORMA

— Diariamente aparece gente que pede a nossa mão, sofrendo os mais variados problemas e carências. Temos de estar prontos para acudir sempre a tudo, a todos. A nossa missão!

Surge, por vezes, um ou outro caso difícil, de pensionistas, que nos obriga a pedir a generosa interferência de pessoas qualificadas — para mais rápida solução dos problemas. É o caso, por exemplo, dum humilde funcionário público que requereu, há muito, a pensão unificada e não se conforma justamente pela excessiva demora do CNP, estando a receber só a parte do Estado. Obviamente, isso prejudica o magro orçamento doméstico da família. Aliás, quando há profundas alterações, neste domínio, mexendo com departamentos ao serviço de milhares e milhares de cidadãos, as coisas emperram demais!

Curiosamente, «as pensões e os subsídios atribuídos pela Segurança Social constituem a principal fonte de subsistência de quase um quarto da população portuguesa. Segundo dados ainda não divulgados pelo Recenseamento Geral da População de 1991, as pensões são o principal meio de vida de 21% dos 8,4 milhões de portugueses, enquanto cerca de 214 mil pessoas dependem do subsídio de desemprego, de subsídio por acidentes de trabalho ou de outros apoios do Estado.

«Somente metade dos portugueses vive em função dos salários, o que, por contraposição, faz com que o número de indivíduos que estão a 'carga da família' ascenda a 1,9 milhões. Deste universo, mais de 55% têm idade superior a 20 anos e são sobretudo do sexo feminino — revelando assim número significativo de mulheres que ainda dependem dos rendimentos de outrem.

«Mas o fenómeno social e económico mais marcante dos anos 80 prende-se com o rápido crescimento do 'exército' dos pensionistas: no Censo de 1981, eram pouco mais de 1,4 milhões (18% da população) e, dez anos depois, estão próximos dos 2 milhões».

PARTILHA — Uma anónima, de Aveiro, que por aqui passa todos os anos, deixa 2.000\$00 para os nossos Pobres — com muita devoção.

O assinante 9313, de Durban (África do Sul), põe em ordem a anuidade da assinatura da filha e, «se houver excedente, essa insignificante importância seja para ajuda dum pequena emergência da Conferência de Paço de Sousa, por intenção de meus falecidos pais que me deram a oportunidade de ler o primeiro O GAIATO, ainda era estudante».

«Avó de Sintra», cheque de 9.000\$00 para «a minha família do costume e peço desculpa pelo atraso, mas a minha idade é a culpada, pois afecta o meu procedimento».

Mais 2.000\$00, do Porto, sublinhando: «Peço o favor de não agradecerem. Guardem anonimato». Cumprimos.

Nota de mil escudos, da assinante 38004, do Barreiro, com um desabafo sobre a problemática social do nosso País.

Os habituais 2.500\$00, do assinante 17258, de Baguim do Monte (Rio Tinto), «para uma renda de casa».

Por fim, o dobro, da assinante 1121, de Vila Nova de

Pelas CASAS DO GAIATO

Gaia — com a amizade de sempre.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

SAÍDAS — Nos últimos fins-de-semana, os miúdos têm saído lá fora, com a ajuda do senhor Padre Júlio, e aproveitamos para comprar qualquer coisa. Assim, ficamos a conhecer melhor a Vila onde estamos.

PISCINA — Já começámos a limpeza da piscina. No sábado, o Neca levou para lá um grupo de rapazes e agora só falta enchê-la para tomarmos um rico banho.

«Coelho»

EXCURSÕES — Continuamos a receber muitas, de várias terras. Especialmente, de escolas de vários graus de ensino. Gostamos de receber toda essa juventude amiga.

As pessoas que costumam cá vir ficam admiradas com a nossa Aldeia bem arrumada.

TRABALHO — É uma obrigação que temos de cumprir. A nossa carpintaria está a fazer janelas para uma nossa Casa do Gaiato de Angola. E os serralheiros ocupados com as camas que também vão para África.

Os trolhas andam a picar uma casa para se acrescentar um quarto de banho, destinado aos nossos visitantes.

«Spock»

JARDINAGEM — O Neca e os seus ajudantes estiveram a trabalhar num pequeno trabalho, pequeno mas complicado: corrimãos nos jardins. Quando nos visitarem gostarão de ver.

VÍDEO — O nosso Padre Júlio já pôs, pelas casas, o vídeo a funcionar. Na exibição do filme os lugares esgotam, a sala fica cheia!

Xavier

RELATO DE UMA VIDA — Trata-se de um rapaz! Falei com ele acerca das dificuldades que tem passado e das suas aventuras.

— Porque é que vieste para a Casa do Gaiato?

— Porque não cumpria o que a minha mãe mandava fazer... Faltava à escola e chegava sempre tarde a casa. Também não tinha condições de vida.

— O que te impressionou mais quando chegaste?

— A maneira como os rapazes brincam, todos juntos, e outras brincadeiras. Também o parque. Gostei ainda dos pombais.

— Conseguiu arranjar muitos amigos?

— Claro, e tenho-me divertido à brava com eles!

— Mas cuidado!...

— Qual foi a tua primeira ocupação?

— Na lenha, de padiola na mão. Partia lenha, apanhava papéis, etc.

— Já não estudas, porquê?

— A escola para mim acabou, porque não compreendia o que os professores me diziam, não respeitava o material escolar; enfim, era um «balda» e deixei de estudar. Só fiz a 4ª classe.

— E agora o que farás?

— Penso em arranjar um bom trabalho para depois poder organizar a minha vida. Mas, antes, quero pôr a cabeça no sítio.

— Por vezes não cumpres as obrigações que te mandam fazer. Porquê?

— Dá-me na «telha» não cumprir!...

— Achas que estás a fazer bem?

— Não, porque, às vezes, nem sei como tropeço e faço mal. Acho que devia ser ajudado. Reconheço que tenho dificuldade em aprender e compreender certas coisas.

— E a história dos animais? Conta lá!

— Gosto muito dos animais, principalmente das aves. Isso já me levou a fazer certas coisas para ir aos ninhos das pombas no Mosteiro e aos telhados dos vizinhos.

— Olha, «Coelho», não faças mal, principalmente aos bichos. Tenta pôr a tua cabeça no sítio. Todos nós gostamos de ti. Já chega de castigos. Pensa nisso!...

— Bem, vou procurar ser mais certo comigo e acho que já estou farto de castigos. Também vou tentar desabafar os problemas, que me surgirem, aos meus superiores.

— E um miúdo que precisa de ser ajudado. O Júlio Manuel Matos da Graça, mais conhecido por «Coelho». Tem 17 anos. Seis de Casa. Lá fora deixou três irmãos e a mãe. É o mais velho.

— Encontra-se a trabalhar na tipografia, na impressão, ao lado do Rui (antigo gaiato). Boa sorte rapaz.

DESPORTO — No dia 23 de Abril, à tarde, o Grupo Desportivo da Casa do Gaiato realizou uma reunião muito animada, no sotão da casa dois de cima. Discutimos a constituição da direcção, tendo ficado assim organizada: Presidentes, «Amarante» e Zé; para a área de correspondência e outros assuntos: Nelito, Rolando e «Albufeira»; como técnico principal da equipa, o Lupricínio que também orientará as camadas juvenis, tendo como adjunto o Nilton. Para os bal-neários, dois responsáveis: Victor Torcato e Paulo Valente, que tentarão ter sempre tudo em ordem.

Os amigos que precisarem do nosso campo, no fim do

jogo terão que pagar a quantia dita pelo responsável.

Também, nesse dia, tivemos a visita dos funcionários do jornal *O Comércio do Porto*. Fizeram um pequeno convívio, entre eles, com uma pequena participação nossa. Houve um jogo de futebol, mas foi para «perder» algumas barrigas e lembrar velhos tempos de bola. Obrigado por terem vindo e por tudo que nos deixaram.

No 25 de Abril, os nossos atletas participaram no torneio de *Corta Mato* realizado todos os anos na Vila de Paço de Sousa. Quanto a nós, poderia ter sido melhor disputado. Se não vejamos: os miúdos com sete, oito, nove, dez e onze anos, correram todos juntos. E por aí fora...! Quanto a resultados, ficámos em segundo lugar por equipas e um quinto lugar nos *benjamins*. Queremos agradecer o convite que nos levou a participar no torneio.

Repórter X

TOJAL

ESCOLAS — Surgiram algumas notas fracas e também as datas para os segundos testes. São os mais decisivos. São eles que deixarão a malta feliz ou triste. O nosso Padre Cristóvão quer que os nossos estudantes se deem bem na Escola para que possam ser alguém na vida.

FUTEBOL — Gostamos muito de jogar. Mas surgem problemas. Uns aleijam-se, outros dão *cacetadas*. E há aqueles que estando a perder, levam tudo pela frente. Por vezes há um problema maior: o do calçado e também as bolas que levam chutos por todo o lado.

OBRAS — O escritório está pronto para quem desejar visitá-lo. E os trabalhadores seguiram outra vez para a padaria. Eles apressaram o escritório porque é o local mais frequentado pelos visitantes para obterem alguma informação ou entregarem donativos.

OFERTAS — Continuamos a receber muita coisa, sinal de esperança para a nossa Casa pois acolhe muitos garotos tirados da rua ou ajuda famílias muito pobres. Ao estrear a roupa ficam muitos contentes. Se calhar nunca tinham vestido dela tão bonita!

VISITANTES — Continuamos a receber excursões de diversas Escolas espalhadas pelo País. Agora, os nossos rapazes conhecem novos amigos. Passado algum tempo vem uma família com o seu filho que terá vindo numa excursão. Dirijem-se a um mais velho e perguntam: — Olhe, pode-me dizer onde está o...? Somos visitados por

muitas pessoas e é por isso que perguntam sempre por alguns rapazes.

Joaquim Miguel Pinto

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — «Têm o coração limpo aqueles que desprezam os bens da terra e buscam os do Céu, e não cessam nunca de adorar e contemplar, com alma e coração puros o Senhor Deus vivo e verdadeiro» — S. Francisco de Assis.

Já se passaram oito centenários do seu nascimento.

Pedimos desculpa pelo atrasado da nossa correspondência. Como já temos dito, fazemos tudo com pouco tempo e como o nosso jornal só sai duas vezes por mês é por tudo isto que só agora respondemos às cartas da Páscoa. Mas parece que agora vai ficar tudo mais ou menos em dia. Todos os cheques e vales que nos chegaram nas últimas semanas já foram descontadas.

Temos recebido muitas cartas e ofertas com palavras muito amigas e cheias de carinho. Bem hajam todos os Amigos que nos escrevem e dão tanta força.

De uma franciscana, 10.000\$00: «Que a vossa força seja tão grande como a fortaleza da rocha e tão firme como uma montanha e segura como o ferro». «Para dar a palavra de esperança a quem não a tem», da assinante 5048, 5.000\$00. Assinante 24851, 2.000\$00. «Desculpem por tão modesta quantia, 500\$00. Agradeço uma oração pelas melhoras da minha mulher».

«Tempo de Quaresma é tempo de partilha. Queria estar presente com uma migalhinha» — 10.000\$00. «Faço votos para que esta oferta possa tornar mais doce a Páscoa de alguns doentes» — 15000\$00. Assinante 6313, 10.000\$00. Assinante 9550, 20.000\$00.

Assinante 35193, 30.000\$00. «Uma pequena contribuição», 5000\$00. Susana, do Porto, 2.500\$00. Assinante 28049, 2.000\$00.

«Bem hajam pelo bem que fazem», 20.000\$00. Duas amigas com 6.500\$00, «com desejos de uma Santa Páscoa». Maria Rosário, 1.000\$00. M.M., 10.000\$00. Assinante 47518, 20.000\$00. Nosso amigo, da Alemanha, 200 marcos. Assinante 31855, 62.000\$00. Assinante 29921, 10.000\$00. Uma amiga, de Braga, com 20.000\$00. Maria, de Gaia, 30.000\$00. Nossa amiga, da Holanda, 7000\$00.

Em nossas orações e reuniões nunca esquecemos todos os que ajudam os Pobres de qualquer forma. Obrigado.

Maria Germana e Augusto

MIRANDA DO CORVO

GADO — O nosso gado tem andado bem. No sábado à tarde mataram uma vaca. Elas dão bastante leite. Na segunda-feira nasceram nove leitões. As galinhas costumam dar à volta de sessenta ovos por dia. Esperamos continuem assim.

AGRICULTURA — As batatas, o milho e o feijão já estão semeados. As batatas, estão a crescer bem e as favas estão quase prontas para apanhar. Já temos comido algumas. O milho cresce enquanto é regado pelo sistema de rega.

AULAS — Já começou o terceiro período que é de todos o mais difícil. Espero que todos os que têm notas baixas consigam levantá-las. Alguns dos nossos rapazes têm estudado, por isso esperamos bons resultados.

FUTEBOL — Defrontámos uma equipa de Leiria com quem fizemos um bom jogo. Os primeiros a marcar foram eles. A seguir fomos nós. Ao intervalo estávamos a 1-1. Tudo se resolveu na segunda parte com um excelente golo. Resultado final 2-1, ao nosso favor. Esperamos mais equipas para nos defrontarem.

Frederico

Festas SETÚBAL

A nossa Festa está um «luxo», comentaram os espectadores da estreia no palco renovado da nossa Sala.

O diálogo vivo dos rapazes com a natureza, expressão clara de uma face determinante da educação e recuperação dos pequeninos vadios, aparece em arte e mensagem durante toda a sessão.

Há mais de cinquenta anos que o Padre Américo iluminado pela Palavra Divina descobriu a mãe terra como remédio para as «doenças da alma» do gaiato das ruas.

Apesar do êxito obtido nesta Obra, assim edificada, as estruturas do passado continuam a pesar muito na erccção de instituições para acudir aos doentes do cheiro das ruas. A Igreja e o Estado põem de parte esta experiência válida das Casas do Gaiato, fixando-se em estruturas falidas na miragem de um tecnicismo abstracto.



Festas

Dialogar com a natureza é trabalhar a terra; semear e colher. É olhar para a terra como fonte inesgotável de fartura, de alegria, de educação. É fazer com que os rapazes com o seu suor, experimentem o prazer das colheitas.

Não basta ter uma quinta somente para recreio. É indispensável cultivá-la palmo a palmo. É também um recado que fica no coração de cada testemunha!

Padre Acílio

14 de Maio, Forum Luisa Todi - SETÚBAL.

20 de Maio, Sociedade Filarmonica Operaria Amorense - AMORA.

21 de Maio, Centro Paroquial do Montijo - MONTIJO.

27 de Maio, Teatro Aveirense - AVEIRO.

28 de Maio, Sociedade das Cabanas - Cabanas - PALMELA.

3 de Junho, Sociedade - SARILHOS GRANDES.

11 de Junho, Incrível Almadense - ALMADA.

LISBOA

Já realizámos festas. Caminhamos agora para a sétima, em Lisboa. Estamos muito contentes por saber que levamos a nossa palavra a muitas pessoas nossas amigas. Também mostramos que sabemos actuar. Para a assistência gostar do programa temos dado tudo por tudo para que tudo corra da melhor maneira.

Joaquim Miguel Pinto

15 de Maio, domingo, 15,30 h - Igreja do Sagrado Coração de Jesus - R. Camilo Castelo Branco - LISBOA;

21 de Maio, sábado, 15,30 h - Cine Teatro - LOURES;

22 de Maio, domingo, 15,30 h - Salão dos Bomb. V. TORRES VEDRAS;

29 de Maio, domingo, 15,30 h - Salão da Igreja de RIO DE MOURO

O Projectar

A passagem do Padre Carlos, há tanto desejada e pedida, aconteceu. Creio que o essencial foi conseguido: desbloquear o processo arquitectónico.

Um trabalho melindroso, mas inevitável. Depois outro, aliciente e feliz, em que lhe senti o cansaço ao fim do dia: delinear acessos, visualizar a implantação de todas as casas da Aldeia: Capela, casa-mãe, escolas, casas de habitação, campos de jogos, oficinas, estradas circundantes e acessos; tudo projectado no terreno, andando acima e abaixo, sem caminhos nem carreiros, pisando capim e micaias, pedra solta e rocha penedia despida. Passou dias inteiros por lá, antecipando-se ao trabalho do arquitecto, que espero a estas horas lhe tenha finalmente chegado às mãos. E, também, que ao sair a notícia n'O GAIATO já tenhamos nos alicerces da casa-mãe e os nossos operários, uma parte deles, se concentre na labuta de levantar a primeira casa sobre a rocha.

Notícias de Moçambique

As máquinas

Uma potente máquina já rasgou os acessos. A perfuradora para a água já devia estar no local. A perfuradora para dinamitar algumas rochas que impedem a regularização do terreno, vem esta semana. O engenheiro Bento, antigo «Zé Máquina», fez a implantação topográfica e agora dedica-se aos cálculos de betão. Está pronto o estaleiro para a máquina que fabricará mil blocos por dia.

Os trabalhadores

Se não fosse termos mais de trinta operários ainda na recuperação das instalações pecuárias e aqui na Massaca uma dúzia no acabamento do Centro de Apoio, todos se poderiam juntar aos vinte que já estão no terreno, preparando o depósito e o acesso da água, ultimado o primeiro grupo de oficinas

pronto a levar o telhado cujo ferro de estrutura demorou a chegar. Já poderemos nelas fazer todos os trabalhos em madeira e ferro. No início do mês chega o camião que o Entrepasto nos ofereceu, mas entretanto os nossos tractores vão chegando a areia e materiais diversos.

Se porém o trabalho de montagem de todas as infra-estruturas tem sido cheio de problemas e demoras, para levantar uma casa digna e adequada ao desenvolvimento normal destes rapazes, não tem sido menos difícil o de «afeiçoar» — como diziam antigamente os pedreiros do granito — cada pedra viva desta Casa. Alguns já experimentaram toda a espécie de ocupação e oficinas, e outros na escola não caminham e vêm os seus companheiros duas classes à frente. Outros ainda não se articulam com a rotina da Escola e do trabalho e dão a sua escapa-

dela ou voltam à rua, até que a fome ou as feridas no corpo atormentem.

Saúde da comunidade

O Padre Carlos estranhou o volume de remédios que hoje temos ao alcance da mão no refeitório, e a sua contínua aplicação. É que trazem tantos males e as queixas são tão frequentes, que a nossa preocupação é grande. Graças a Deus que por falta de recursos e medicamentos não morreu nenhum, quando à nossa volta é tão frequente. Temos tido todo o tipo de malária, à cerebral, diarreias sangüinolentas que em Moçambique vitimaram milhares, tuberculose, alergias com gravidade, como a do pequenino Bruno Alberto. Até nestes dias apareceu uma vítima de transtorno

mental. Com internamento imediato e atenção generosa da médica, está fora de perigo.

«Acendeu-se uma luz no Céu»

Ao fechar esta para O GAIATO, temos uma notícia muito dolorosa: O Américo morreu electrocutado. Faria dois anos, no aniversário de Pai Américo, que o trouxemos da rua. Um descuido dos operários que encostaram chapas de zinco ao fio eléctrico de uma tomada de serviço. Inocente e traquinas, a brincar com outro, foi ao encontro do perigo. Apanhado pelos pés na chapa em carga nem gritou, sucumbiu ali mesmo. A corrida ao Hospital de Boane, o oxigénio, a respiração artificial — inúteis. Pai Américo escreveu de um: «Acendeu-se uma luz no Céu». Que o Américo tenha sido acolhido por ele nos braços e levado ao Pai.

Padre José Maria

Vistas de Dentro

A Natureza

A Natureza tem sido muito pródiga em motivos de acalmia para a agressividade de muitos dos filhos das Casas do Gaiato. Agressividade causada geralmente pelo abandono familiar, sobretudo a falta do amor maternal.

Pai Américo desejou sempre que as nossas Casas tivessem uma quinta onde se criassem animais, onde cantassem passarinhos, onde cada um pudesse ter a sua horta. Pai Américo, como S. Francisco de Assis, foi um apaixonado pela Natureza. Tratavam todas as coisas criadas por Deus como irmãs. Nasceu numa casa de campo, com eira, espigueiro, currais, capoeira, um extenso vale ao fundo, encimado pela igreja onde foi baptizado e deu os primeiros passos de vida cristã. Tudo isto lhe ficou marcado para toda a vida.

Cadela ao colo

Estou a ver um grupo de sete cães deitados ao sol onde os rapazes têm de passar e no meio a cadela grande, chegada de parir, e todos ao passar lhe fazem carícias e passam as mãos pela barriga onde os cachorrinhos já se conhecem.

Fiquei muito impressionado quando vi um dos mais velhos pegar na cadela ao colo e assim a conduzir em todo o corredor. Eles também assim fazem aos nossos pequeninos.

Estou a ver tábuas velhas, pregos e martelos nas mãos a fazer gaiolas para pássaros, coelhos, patos e galinhas. Estou ainda a ver dois, em duas das nossas Casas, a pôr alimento na boca de melrinhos que encontraram.

Gata e seus gatinhos

Ainda o que me encantou mais foi, ao chegar a uma das nossas Casas, ser levado pela mão do responsável, a ver a «nossa maravilha». No armário da cozinha um caixote de papelão com uma gata e os seus cinco gatinhos, acabados de nascer, agarrados às tetos da mãe. Tinham resolvido só criar dois, mas ninguém teve coragem de matar nenhum. Todos por ali procuraram passar a ver aquela «maravilha». A gata, à hora das refeições, anda de colo em colo e cada um procura pôr-lhe na boca o melhor que tem no prato. Autêntica partilha de amor.

Pombas e seus mimos

Naquele dia passei todo o recreio do almoço, perto do pombal junto ao bar, abismado com um grupo a dar e a receber carinho de algumas pombas. Eles sentados numa pedra e elas voando do telhado para as cabeças e ombros

Sexta-feira Santa

Este meu Senhor, filho de Javé! sofredor! Mergulhado em tamanha solidão! Sozinho nas areias dos gritos e apupos! E sem um poço!

Também sem poços nem corda, este povo sofredor...

Lembro a cena do aeroporto: aquela mamã — com o filhinho nas costas e há oito dias esperando uma boleia para se reunir com o marido e os outros filhos — a ser quase arrastada pela polícia para fora da zona dos aviões cargueiros...

Igualmente o desabafo

deles. Pousadas, faziam carícias com o bico nas orelhas e no pescoço dos rapazes. Assim estiveram todo o recreio e quando tocou a sineta elas seguiram nos seus ombros.

Fiquei maravilhado a pensar na correspondência deste carinho. Dá e toma lá.

Malanje

dum amigo: «Já não temos esperança. Acabamos assim numa noite sem estrelas».

Este meu amigo é um homem marcado pelo sofrimento. Roubaram-lhe tudo: Frutos, animais e as próprias chapas da sua habitação. Só não lhe chuparam o sangue porque alguém, que o conhecia como homem de bem, o defendeu. O seu olhar é triste e o seu coração está ressequido.

E ainda, a vinda do Eduardo com duas feridas nas pernas (chagas do Senhor!).

Sua irmã mais nova ficou com umas Irmãs. A avó com quem viviam caiu e morreu numa mina junto do bairro. Brinca-se assim com as vidas humanas!

Se, ao menos, um poço — para descer o balde, colher a água, sentir a frescura e as gotas caindo na subida... Mas, nem! Até à entrega total na cruz erguida!

Padre Telmo

O Vitellino

«Nasceu um vitellino morto» — pregão que correu por toda a Casa e chegou também aos meus ouvidos. «Era grande e muito lindo», dizia-se de boca em boca.

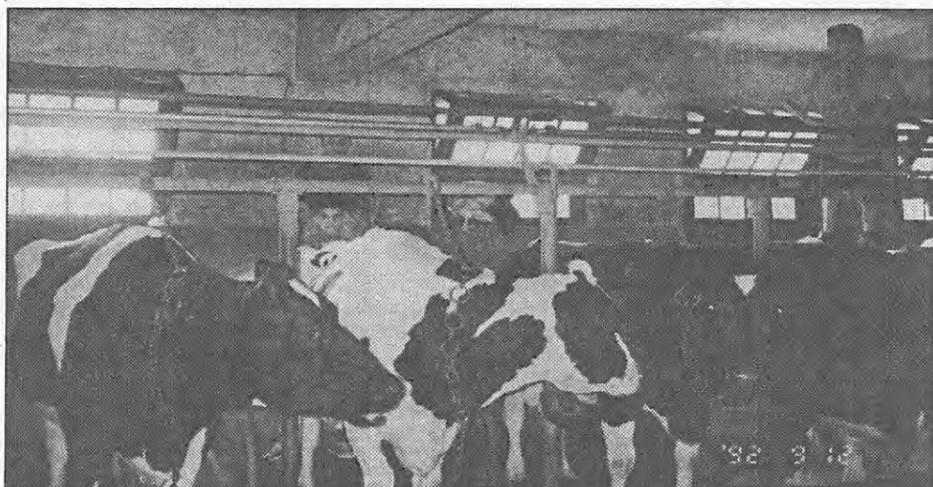
Um dos tratadores do gado, encarregado de o enterrar, disse-me à noite muito triste:

«Custou-me tanto enterrá-lo que até chorei. Se o visse! Era tão lindo!»

É sempre assim. Quando morre algum animal ou alguma ave há sentimento de dor e tristeza em toda a comunidade. As Casas do Gaiato são centros de carinho.

A Natureza opõe-se à agressividade.

Padre Horácio



BENQUUELA

Os «Batatas» cantam ao som da música da Natureza

Finalmente! Consegui um bocadinho desta manhã de sexta-feira para dar notícias desta nossa Casa do Gaiato e do mundo onde ela está. Estou a ouvir o chilrear muito alto dos pardais a brincar nas palmeiras à volta da casa-mãe. Estão contentes porque ninguém lhes faz mal. A Natureza quando é respeitada torna-se a companhia mais saudável do homem. É tal a sua força que eleva o homem.

Pai Américo sabia-o. Por isso vai buscar o garoto à rua e mergulha-o na beleza dos campos e das montanhas. Lá em baixo está um grupinho de «Batatas» que, sem darem conta, fazem coro com o chilrear dos passarinhos. As lágrimas da guerra monstruosa que os vitimou foram esquecidas. É verdade! Não mais falam dela. Abriu-se-lhes um caminho novo. Por isso conversam e cantam

ao som da música da natureza, que é a mais bonita. Outros preparam seus trabalhos escolares na sala de estudo. Mais, as salas de aula estão cheias sem poderem levar mais. Este é o percurso normal das crianças. É a Angola nova a fazer-se desde a base.

Escola

Todos os dias e a todas as horas passam por mim crianças que descem do bairro com a lata de água à cabeça ou a brincar despreocupadamente. Depois da saudação há um pequenino diálogo. A pergunta acerca da escola e do estudo é sacramental. Curiosa a resposta de cada uma das crianças: se vai à escola, responde com força; se não vai, baixa a cabeça e fica de olhar triste. A culpa não é das crianças. E, na sua intuição, elas sabem-no. Mais gostavam de frequentar a escola. O problema está nos pais e nas condições em que vivem. Todos os dias vivo esta dor. Para o próximo ano escolar háo-de ficar menos crianças

sem escola. Vou estudar maneira de dar a mão a estes filhos que não quero ver perdidos.

Ao tocar neste problema sei que não estou a falar de coisas fáceis de resolver; tanto mais que a situação é verdadeiramente caótica. Porém, o encontro com um problema, quando é sentido, faz-nos pensar no passo que havemos de dar para o resolver ou ajudar a resolver. Este é o caminho dos comprometidos.

O campo da educação é vital para a elevação do povo de Angola. Sem ela não se pode falar em libertação humana, em desenvolvimento, em paz. É um problema de raiz.

Formação profissional

Outro campo interessante é o da formação profissional, que supõe a educação de base. Falo com muita esperança de que, em breve, a nossa Casa do Gaiato possa dar o seu contributo neste sector da vida dos adolescentes e jovens, com o apetre-

chamento das oficinas em meios materiais e o indispensável acompanhamento humano. Este, sem dúvida, o mais difícil, mas não impossível. Só o estritamente necessário para que as oficinas sejam escolas que preparem os rapazes para a vida. Falo em esperança a sério, confiado na recta intenção das pessoas que nos têm procurado com o intuito de nos ajudarem neste campo.

Este serviço é de capital importância, dada a multidão de garotos a crescer, a quem a escola tem que dar do que é seu, mas, no geral, não vai além do que é obrigatório. Fica-lhes aberta a formação profissional que lhes vai garantir um lugar digno na sociedade. Além de ser muito necessária à nação esta classe de artistas, na fase de arranque da reconstrução.

É admirável o empenho de muitos agentes de ensino, nomeadamente do ensino básico. É que não têm, por vezes, o mínimo de condições razoáveis para o fazerem. Só com muito interesse e amor. Imagine-se uma escola com

mil crianças, debaixo das árvores, num local onde passam carros e pessoas. Estas situações são muito comuns. É deveras problemático o aproveitamento escolar destes alunos pequenos. Contudo, é alguma coisa que se faz. Isto dá-se na zona urbana onde há uma paz relativa. Se avançarmos um pouco mais para o interior a situação é muito mais triste.

Perante um quadro destes, quem pode ficar de braços cruzados? A indiferença é cumplicidade. Continuamos,

pois, com as mãos nesta obra. Ainda a propósito dos nossos mais pequeninos. Havia um grupo que comia na minha mesa. Sarilhos a todas as refeições, ora porque não comiam a tempo e horas, ora porque eram «indisciplinados», etc. Solução: foram postos numa mesa só deles com o respectivo chefe, um nadinha mais velho do que eles. Resultado: é a mesa mais bem comportada, sem qualquer dificuldade. Eles é que sabem educar-se!

Padre Manuel António

DOCTRINA



Assistência e Caridade não são palavras irmãs

EU tenho na mansão do gaiato um problema urgente, insolúvel; e como a tua paciência se não esgota nem a tua curiosidade enfraquece, vou dizer do que se trata, para tu me dares a mão: é calçado para os miúdos. É uma despesa com que não posso e uma necessidade que eu sou obrigado a remediar. Não que o pé descalço me pareça mal e até, nas cidades onde se faz entrar a civilização pelos pés, tenho que é muito mais indecente e miserável o actual pé entapado do que o antigo nu, pousado na terra nua. Mas a verdade é que eu não devo mandar os rapazes à Missa descalços.

HÁ dias, fui à capital com o fim de pedir no Desemprego alguma coisa de vestir e de calçar, sobretudo de calçar, para a minha gente pequena; e vi quatro mil pares de calçado arrumados em grandes lotes para todas as medidas. Estive mesmo à beirinha dos ditos, tão perto que bem podia, sem me mexer do sítio, enfiar uma dúzia de pares debaixo da minha capa. Porém, um alto funcionário do Desemprego colocou gentilmente entre mim e os sapatos a varinha burocrática e eu tive de me vir embora com a sorte e com a esperança de quem espera por sapatos de defunto. Realmente, se a Caridade fosse coisa de morrer, já há muito que teria sido morta pelas normas oficiais. Mas a Caridade não acaba, mesmo que todas as coisas do mundo morram e desapareçam.

TU vais ouvir a minha voz e calçar um dos meus pequenos, à escolha, dos oito aos doze anos. Também tenho de três, o qual se queixa com infinita graça do frio que tem nos pés; e não é tanto pelo frio como pelo gosto de andar ao colo, que ele aponta à gente os pésitos roxos, gemendo o frio que faz.

O. Amén. 5!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 2.º vol.)

MOÇAMBIQUE

O que gostaria de dizer, não é aquilo que escrevo. Hoje, andei por cima das pedras, onde iniciamos os alicerces do bloco 2 da Casa-Mãe e veio-me a compreensão daquela palavra de Jesus: «*O meu Pai está sempre a trabalhar*». A realidade para mim em cada dia é esta: temos um plano de obras engendrado ao fim de muito trabalho, desencontros e refundição. Está no papel. Todos os dias é preciso estar ali, bem junto dos operários: para que chegue a horas, para que trabalhe, para que observe as medições com rigor, para que aproveite o tempo e os passos, para que faça tudo ordenadamente. Isto com cada um, cada dois e cada grupo, consoante o tipo de tarefa a executar.

Só o ferro até estar firme nos alicerces, leva tombos, é arrastado, endireitado, cortado, dobrado, amarrado, colocado no lugar certo. Tudo na sua devida ordem, tempo e lugar. E é preciso rever cada medida, cada trabalhador e o conjunto para que dê certo. E é só o começo do alicerce.

Sendo Deus a Providência de todos e

de tudo neste mundo que criou, e havendo nele tanto desacerto e mudança, até está bem, que sendo o homem espelho de Deus, não haja melhor configuração humana que a dum Pai de olhar sereno e atento, com longas barbas e cabelos brancos.

Mas dizia ao princípio que não consigo dizer o que queria. É que a minha ansiedade é tanta, que me faz ver, já, as colunas levantadas, as paredes a subir, os andaimes de tecto... e ainda nem os alicerces estão abertos. O plano está feito, bem delineado, mas chegar à realização, não sei dizer o quanto falta em termos de tempo, que se para Deus não conta, para mim foge. Cada vinte e quatro horas parecem uma, cada mês, um dia.

No Centro de apoio da Massaca 1 já passámos de oitenta, à mesa. Para acomodar a todos, são necessárias quatro casas de habitação. Para este ano e meio estão planeadas duas. Como poderemos fazer a mudança para nossa casa?

Os rapazes vão crescendo. Cinco trabalham já de pedreiro, outros tantos de carpinteiro, seis de serralheiro, dois de canalizador e igual de pintor, dois na

mecânica e dois nos tractores, mais dois de armadores de ferro e igual em electricista. Isto alternando com o horário da escola. E todos os disponíveis, ao sábado, dão uma ajuda. É importante que o façam para sentirem, regando com suor o bem que hão-de desfrutar amanhã.

Outra vez me vem ao pensamento: «*o meu Pai está sempre a trabalhar*». Se eu tão limitado, me preocupo tanto com o bem deles, aqui nesta nesga do mundo, onde nasceram e hão-de viver, o que será Deus? E tantos que desperdiçam os seus talentos, perdem o seu tempo e fogem aos seus planos, não vislumbrando sequer o bem irreversível, que deixam escapar. Como há-de este mundo dar certo com os planos de Deus, se é tão difícil a gente acertar? E há uma coisa que queria dizer e digo: apesar das minhas imperfeições, me sinto feliz. Não recupero o tempo perdido, mas medindo cada dia os erros, ajustando as pessoas, aproveitando todas as capacidades, coordenando o trabalho, estamos a estruturar vidas e caminhado em frente.

Padre José Maria

SETÚBAL

UM casal jovem desabafou com um elemento da nossa conferência vicentina: «*somos cristãos, não fazemos mal a ninguém, mas não fazemos bem nenhum*».

Logo ele me apontou para os receber.

Fiquei ansioso. Demoraram uns quinze dias. E eu que sou tão esquecido, do recado do Paulo me lembrava diariamente: «*Eles vão aí falar consigo*».

Vieram no domingo passado à nossa Missa e, no fim apresentaram-se como recomendados pelo jovem vicentino.

Convidados, aceitaram tomar o pequeno almoço na bela sala de jantar cheinha de rapazes em efuziante alegria.

Pareceu-me que deviam ser os rapazes os primeiros a atear o fogo que o Espírito de Deus lançava no coração deste casal. O pequeno almoço foi o primeiro ponto da meditação.

Depois veio o segundo já em grande velocidade pelo arranque do primeiro. Uma conversa a sós comigo.

É bom saber e verificar o trabalho do Espírito na consciência das pessoas que pensam e rezam.

Atados, como tantos, sem saberem que fazer nem como fazer sentiam-se profundamente inquietos pelo mal que alastra a olhos vistos e eles com tanto bem na alma sem atinarem como o distribuir.

O trabalho com os pobres é penoso. Feito na humildade e com amor verdadeiro é impossível que não frutifique. Há hoje, por aí, tanta gente convencida que não há nada a fazer. Que tudo é inútil. Outros mesmo a criar estruturas, a gastar dinheiro com eles, a deixar os pobres à míngua, a fazer grandes propagandas do que fazem ou pretendem fazer

e a criar dentro de si um vazio de frustração que os arrasta a convencerem-se que o serviço dos pobres é uma inutilidade, que é necessário manter por causa da imagem.

Este jovem casal quer dar-se como quem se dá e sofrer como quem sofre, sabendo que este é o único caminho do amor. Sem medo dos fracassos na certeza de que é vencendo-os que se avança.

Irá ajudar os gaiatos nas dificuldades do estudo e os pobres do nosso grupo no caminho da sua dignidade.

Padre Acílio



Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Tel. (055) 752285 - FAX 753799 - Cont. 500788898 - Reg. D. G. C. S. 100398 - Depósito Legal 1239

Tiragem média, por edição, no mês de Abril: 73.200 exemplares